

Uma Conversa com Colin Firth

Fonte: The Making Of Pride and Prejudice

Tradução: Deborah Mondadori Simionato

<http://samantaf2010.wordpress.com/>

Como você se envolveu com o projeto?

Eu recebi os seis scripts em um momento em que eu estava achando muito difícil ler scripts. Tudo parecia impossível de ler, e a última coisa que eu achava que eu precisava eram seis episódios de um drama de época da BBC, contra os quais eu tinha preconceito. Eu voltei minha mente para os anos 70, quando isso era a última coisa do mundo que eu via na televisão. Eu me lembrava delas como “rígidas” – atuações rígidas, adaptações rígidas.

Você já tinha lido Jane Austen antes?

Não, nenhuma página. Literatura do século XIX não me parecia muito sexy. Eu tinha esse preconceito de que provavelmente seria coisa de meninas. Eu sempre fui um pouco atraído por romances europeus cheios de sofrimento, parcialmente como uma reação ao que nos apresentam na escola. Então, quando “Orgulho e Preconceito” me foi oferecido, eu só pensei, sem nem ter lido antes, ‘Ah, aquele velho cavalo de guerra’, e eu abri o enorme envelope com trepidação. A outra ansiedade era dedicar tanto tempo para algo; e eu acho que muitos atores estremecem diante da possibilidade de se comprometer por tanto tempo. Então, existiam várias razões porque eu não queria abrir a primeira página, mas eu acho que eu tinha lido apenas umas cinco páginas e estava fisgado. Era notável! Eu não queria sair até terminar. Eu não acredito que algum outro script já tenha me empolgado tanto, em termos mais básicos e românticos. Você *precisa* que continuar lendo pra saber o que acontece em seguida. Você se apaixona pelos personagens instantaneamente, e a Jane Austen é uma grande provocadora; ela tem a capacidade de te frustrar de uma forma muito positiva. Ela coloca uma série de possibilidades na sua frente e depois te desvia delas. Além disso, eu não tinha percebido o quão engraçado “Orgulho e Preconceito” é, o quão inteligente e leve e o quão longe de “dever de casa” é para ler.

E quando eu fui encontrar com Sue Birtwistle (*produtora*) eu não tinha tido tempo de ler o final do Episódio Seis. Eu não sabia nada sobre Jane Austen, e eu não sabia que ela acabava a história com um final feliz. Sue na verdade estragou isso pra mim porque ela deixou escapar que o Darcy e a Elizabeth se casam. E eu fiquei um pouco surpreso, porque não sabendo nada da história, eu poderia facilmente imaginar que algo iria dar errado; era uma situação muito carregada. Você pode ler o livro três ou quatro vezes e ainda imaginar cada vez se vai acabar bem ou não.

Então por que você hesitou?

Eu sabia que eu tinha que escutar a voz dentro de mim que dizia ‘Você gostou disso. É o único script que você foi capaz de ler em muito tempo’. Eu tinha que levar isso a sério. Mas a outra coisa é que eu não sentia que eu era certo para o Darcy. Eu não sentia que eu seria capaz de fazer ele como ele deveria ser feito. Ele parecia uma figura muito grande de alguma forma.

Eu nunca tinha me dado conta que o Darcy era uma figura tão famosa na literatura. Quero dizer, eu não conhecia o livro e eu nunca tinha ouvido ninguém realmente falar sobre ele. Mas então, quando eu mencionava o livro, todo mundo me dizia como eram devotos desse livro, como na escola foram apaixonados por Darcy, e

meu irmão disse ‘Darcy? Ele não deveria ser sexy?’. Então eu ouvia essas coisas e comecei a pensar ‘Oh, Deus, Olivier foi fantástico e ninguém mais conseguiria fazer esse papel’.

Mas a dúvida veio de mais do que isso. Darcy é meio fascinante – ele é meio excitante nas páginas – mas no começo não achei que ele tinha sido escrito de uma perspectiva “de dentro”. Jane Austen escreve do ponto de vista da mulher – nesse livro, especificamente do ponto de vista da Elizabeth. Darcy é criado para ser um enigma pela maior parte da história, até perto do final, quando você tem a perspectiva dele. Eu simplesmente sentia que não era nenhum pouco pessoal para mim. Eu não sabia como fazer o papel ser específico pra mim como ator. É impossível interpretar uma imagem, porque isso é algo externo. Então eu comecei a pensar que era impossível; que eu iria desapontar todo mundo e ficar frustrado comigo mesmo porque eu não seria capaz de fazer o suficiente para transformar o Colin em Darcy.

E ainda assim, o paradoxo é que você não pode fazer muito quando está interpretando aquele papel mesmo; ele nunca faz muita coisa, e isso parecia ser uma armadilha. Eu racionalizei ‘Para fazer eu mesmo diferente o suficiente para interpretar o Darcy, eu vou ter que fazer uma terrível quantidade de coisas. Mas de fato fazer qualquer coisa é a última coisa que é certa para interpretar o Darcy. O único jeito de isso funcionar é já ser o Darcy.’ Eu me olhei no espelho e não vi o Darcy. Eu sei que alguém pode ser corajoso e tentar se moldar, mas é necessário ser sensato sobre o que é real. Eu não me sentia capaz, então achei que seria melhor dizer ‘não’,

O que fez você mudar de opinião?

A convicção da Sue que eu era certo para o papel era tão forte que eu tive que reconsiderar. E lendo de novo, o script começou a colocar seu feitiço em mim, insidiosamente me puxou para dentro – era tão sedutor e intoxicante. Eu não me dei conta do que estava acontecendo, mas uma vez que você começa a desenvolver um envolvimento com algo assim, isso vai pra debaixo da sua pele e deixa de ser uma questão de escolha. Eu fiquei agoniado e me imaginei fazendo o papel e depois testei a idéia de não fazê-lo, e me ocorreu que eu me sentiria meio de luto se recusasse o papel. Percebi que eu tinha começado a me apropriar do personagem e que agora era dono dele. A idéia de qualquer outra pessoa fazendo o papel me fez sentir um pouco ciumento.

Como foi a leitura com o elenco? Crispin Bonham-Carter se lembra de estar tão nervoso que ele foi direto ao banheiro masculino e encontrou você gemendo lá dentro.

Eu sabia que tinha sido flagrado por alguém! Foi extremamente aterrorizante e desesperador, não só porque era um número enorme de pessoas com quem se arriscar junto de repente, e ler junto, mas também as apostas eram muito altas. Era um tiro gigante. Nós todos vamos estar nisso por cinco meses, e você está preocupado com ser julgado. Pareceu ser como um grande teste para todo mundo. Outra coisa que eu me dei conta naquela leitura foi que eu realmente não iria gostar de interpretar o Darcy no rádio. A dimensão física é essencial. Ele é basicamente uma pessoa taciturna, e o que ele não diz é muito mais importante do que ele de fato diz na maior parte do tempo. Em filme, é claro, nós podemos cortar para o rosto dele e vê-lo até quando ele não está falando. Mas você não pode fazer isso no rádio ou na leitura, você não pode dizer ‘Pessoal, esperem um minuto porque eu vou fazer tal coisa e vai ser – nada’. E eu estava cercado por todos esses personagens fantásticos fazendo todo mundo rir, e enquanto isso eu estava pensando, “Bem, eu fui meio entediante, não?”

Nenhuma alma veio falar comigo. Eu conhecia uma ou duas pessoas e conversei com elas, mas eu diria que de um elenco de mais de 50 pessoas, muito poucas estavam dispostas a falar comigo. Eu acho que porque eu estava interpretando Darcy eu tive que trabalhar duro para convencer as pessoas de que eu seria amigável durante as filmagens.

Andrew Davies (roteirista) diz que ele queria transmitir que há mais no Darcy do que nós pensamos no primeiro momento. Como você tentou comunicar isso?

Você não pode entrar em uma sala e começar a atuar como um louco, e a fazer todo tipo de coisas ambiciosas, porque o Darcy não faria isso. Mas não fazer coisa alguma é uma das coisas mais difíceis quando se trata de atuação. Eu me lembro de pensar, antes de começar, que eu teria que montar uma performance muito viva e, então, dinâmica e não atuá-la. Por exemplo, naquela primeira cena na assembléia, eu tenho que entrar e estar machucado, brabo, intimidado, incomodado, irritado, divertido, horrorizado, chocado e manter todas essas

reações em uma fina moldura inescrutável porque ninguém nunca sabe exatamente o que o Darcy está pensando. Eu já interpretei alguns papéis muito mais físicos, mas eu não acho que fiquei fisicamente exausto no final como fiquei com o Darcy.

Eu me lembro disso particularmente na cena em que eu e a Elizabeth temos uma discussão em Netherfield: Darcy está emocional e não quer que ela saiba, ele odeia ela porque ele gosta dela, ele odeia ela por ser mais inteligente do que ele nessa conversa em particular, e ele tem a audiência dos Bingleys. Então há um milhão de coisas acontecendo dentro dele, e ainda assim ele tem que se conter e não mostrar que ele foi afetado; ele não pode revelar o turbilhão dentro dele. Então ele senta lá, tão parado e calmo quanto suas emoções permitem. Tecnicamente, você tenta sentir todas essas coisas e atuar exatamente o contrário.

Qual foi a parte mais difícil do processo?

A coisa que eu mais desgostei sobre as filmagens foi o fato inevitável de que o Darcy não participa de muitas delas e, portanto, eu teria que lidar com grandes períodos de “folga”. Eu senti que um momento incrível começou no primeiro mês, e o filme parecia estar se desenvolvendo na nossa frente infinitamente, e tudo era possível – de repente eu fui banido por cinco semanas. Foi horrível. Eu tive que trabalhar um ou outro dia durante esse período, e eu chegava na locação, e todas essas outras pessoas estavam lá, que eu não fazia idéia de quem eram, fazendo um outro filme que parecia ser sobre uma família de meninas. Eu me senti um pouco como alguém de fora mesmo – e, é claro, é isso que o Darcy é nessa parte da história. Eu lembro ter dito “Eu quero vir aqui, mesmo se eu não estiver filmando, pra que eu possa continuar fazendo o papel se movimentar”.

E quando você começa a filmar de novo, há aquele medo de que qualquer que seja a mágica que você teceu pra você mesmo não vai acontecer dessa vez. Essas coisas são tão amorfas. Então duas semanas se passavam e me mandavam embora de novo. Isso interferiu tremendamente, eu acho, com meu senso de fazer parte das filmagens. Eu achava que manter o “momentum” era bem difícil, até o final. É um elenco enorme, e há todos os tipos de pessoas com as quais eu nunca me relacionei simplesmente porque eu nunca trabalhei com elas, e meu personagem não tinha absolutamente nenhum relacionamento com o deles. O cronograma de filmagens te coloca um pouco de fora.

O script do Andrew te ajudou a compreender o Darcy?

Sim, eu acho que ele fez um ótimo caminho dentro de Jane Austen porque ele não tem aquela reverência acadêmica absurda que as pessoas às vezes têm em relação a grandes obras da literatura. Ele tratou a história como algo muito divertido. Se eu tivesse começado com o livro, talvez eu não tivesse me envolvido. Eu acho que o senso de realidade do Andrew e o fato de que às vezes ele deixou as coisas muito mais específicas do que a Jane Austen deixa ajudaram bastante. Ele oferece fortes sugestões para o que o Darcy está pensando quando ele está olhando, sem trair seus sentimentos, para as pessoas em uma cena cheia de gente, e isso ajuda o Darcy a se tornar mais do que uma imagem.

O que é interessante, quando você está fazendo um papel como esse, é que você encontra fluidez de um momento para o outro; quando algo não é, de alguma maneira, verdadeiro, isso vaza porque você está tentando forçar sua imaginação a pensar em motivos porque você está agindo dessa forma. Eu nunca tive que fazer isso com o Darcy – ou apenas raramente – e eu me dei conta de que a Jane Austen realmente tinha uma compreensão instintiva do interior do Darcy, mesmo sem ter tido a arrogância de escrever sobre isso. Mas ela escreve o homem exterior tão logicamente, que o interior se mostra por si só.

Você consegue pensar em um exemplo específico?

Eu lembro pensar que faz sentido o Darcy menosprezar a Elizabeth na assembléia de Meryton. Eu concordo em ir à festa com meu amigo Bingley. Ele me encoraja: “Vamos, vai ser uma ótima festa cheia de mulheres”. Eu chego. Eu sou extremamente tímido - extremamente desconfortável em situações sociais. Não é um lugar que eu normalmente iria, e eu não sei como conversar com essas pessoas. Então eu me protejo atrás de uma máscara de um esnobe e rejeito tudo. Bingley imediatamente se junta com a mulher mais atraente do lugar, e isso faz eu me sentir ainda menos seguro. Ele vem saltitando e com um sorriso enorme e entusiasmado e me diz que eu deveria estar dançando. Eu digo “Você está com a garota mais bonita aqui”, ele responde “Bem, mas não

importa – que tal a irmã dela que é menos atraente?” e isso exacerba a posição na qual eu me coloquei. Então eu digo “Ela é ok, mas não boa o suficiente pra mim”, mas o que eu estou realmente dizendo é “Olha, eu deveria ser melhor que você, então não me venha com a irmã sem graça. Eu não vou nem considerar ela.” Mantendo isso em mente durante a filmagem, eu achei que a cena fluiu.

No final da história, o Darcy diz pra Lizzy que ele não sabe quando ele começou a se apaixonar por ela. Mas você teria precisado planejar a jornada dele com mais especificamente.

Sim, é muito interessante procurar pelos estopins que levam o Darcy a se apaixonar. Claro que amor em geral começa com algo trivial que chama a nossa atenção. No caso do Darcy, muito pouco tinha chamado a atenção dele. Então eu acho que o primeiro momento é quando a Elizabeth o rejeita de uma forma tão impertinente – quando ela escuta “Ela é tolerável, mas não bonita o suficiente para tentar-me!”. Quando ela passa por ele e dá a ele um olhar audacioso, Andrew foi muito importante nessa parte no roteiro, no qual ele escreveu “Darcy está acostumado a olhar para outras pessoas dessa forma, mas não a ser olhado assim”. Então naquele momento acho que ele nota ela, simplesmente chocado e curioso; ela intriga ele, e é eu suspeito, a primeira vez que uma mulher o intriga, e ele tem que saber um pouco mais sobre ela. Parece-me que você pode estar em um caminho fatal a partir de um momento como este, sabendo ou não.

Darcy começa a mostrar seu interesse pela Elizabeth na festa dos Lucas, quando ele a convida para dançar e ela recusa. O que você acha que está acontecendo com ele nesse ponto?

Até esse ponto eu acho que o Darcy nunca tinha olhado para uma mulher – quero dizer olhado com olhos reais, com interesses reais – apesar de ele admirar mulheres de uma maneira casual. A verdade é que ele está muito entediado. Ele é um dos homens mais ricos da Inglaterra, e até agora isso sempre foi o suficiente para o fazer ele ser atraente nos olhos das mulheres. Eu me lembro de ler um ditado que ajudou bastante “Um homem que é elegível/cobiçado não precisa entreter ninguém”. Pra mim, essa é a grande chave para entender o Darcy – eu pensei que se ele fosse charmoso também, a vida seria intolerável para ele. Então, devido à timidez e à falta de necessidade, ele se mantém distante. Então aparece a Elizabeth e dá a ele uma chance de responder, e é provavelmente a primeira oportunidade que ele tem na vida de ser o caçador, e não a caça: é irresistível. É nesse momento que ele nota os olhos dela pela primeira vez. O que começa sendo intrigante, se torna profundamente erótico para ele.

E ela finalmente concorda em dançar com ele no baile de Netherfield...

Sim. Eu acho que a seqüência em que eles dançam juntos é maravilhosa porque mostra todo o relacionamento deles até aquele ponto perfeitamente. Nós vemos honestidade e brincadeira do lado da Elizabeth, enquanto tem algo de cômico sobre o Darcy tentando manter suas maneiras formais enquanto dando conta do seu lado da conversa. Ela diz algo que mexe com ele e ele tem um círculo de oito passos para fazer antes de poder responder.

Aqui, a Jane Austen oferece algumas pistas sobre a resolução do Darcy de se conter e de se curar dessa “loucura” que ele contraiu, mas ele já entrou de cabeça antes de se perceber o que aconteceu. No começo, era um tipo de passatempo. De repente, ele está se sentindo vulnerável e se ressentido amargamente. Várias vezes ele decide que ele vai se recompor, e nesse momentos o comportamento dele se torna um pouco confuso e paradoxal – ele está indo atrás e rejeitando a Elizabeth ao mesmo tempo. Ele está certo de que não vai dançar com ela, daí ele a convida para dançar; ele espera em lugares nos quais ele sabe que vai encontrá-la caminhando e não conversa com ela; ele aparece em Hunsford e age como se ela é quem estivesse fazendo a visita.

Você teve que filmar a cena da primeira proposta do Darcy na segunda semana de filmagens. Como isso afetou você?

No começo parecia uma catástrofe. Todo mundo sabe o quanto essa cena é importante. Por razões de cronograma, nós tivemos que filmar várias das cenas finais do Darcy primeiro – quando ele já aparece como uma pessoa muito melhor – e depois fazer as cenas em que ele está prestes a explodir. Porque é tão inapropriado fazer isso antes, e é tão desgastante, nós demos muita atenção a essa cena e conseguimos atingir o grau de adrenalina necessário, então, talvez, tenhamos investido mais nessa cena do que teríamos se ela tivesse sido

filmada depois, quando todo mundo já estava confortável. Foi um caso de pular para o final, e Simon Langton (diretor) deu conta disso brilhantemente.

Como você abordou a cena?

Eu me perguntei algumas questões básicas sobre o que eu queria fazer na cena. Eu perguntei “O que o meu personagem está tentando conseguir?”, e então “Como ele vai superar os obstáculos no caminho?”. Nesse caso, a principal pergunta foi “Como a Elizabeth vai fazer isso difícil pra mim, e como eu vou fazer isso difícil pra mim mesmo?”. Se você aborda problemas dessa forma, você descobre jeitos e maneiras de que ajudam a clarear a situação.

Eu senti que, por exemplo, quando o Darcy entra naquela sala e diz aquelas coisas chocantes – “Eu sou muito bom pra você, mas você vai casar comigo de qualquer jeito?” – se eu interpretasse como se eu soubesse que eu estava sendo espantoso a absurdo, nunca funcionaria. Eu me dei conta que eu tinha que fazer com que essas palavras fossem as mais lógicas possíveis de serem ditas, mas eu pensei, “Como eu vou fazer isso? Como eu vou transformar esse discurso extraordinário sobre as relações familiares dela de desastroso para algo que faça sentido?”, e eu pensei “Ok, vamos nos imaginar no momento em que isso está acontecendo, 1813”, e do ponto de vista da Jane Austen, essa situação sobre casamentos apropriados e inapropriados fazia muito sentido. Poderia ser um desastre cruzar a barreira de classes; podia levar a todos os tipos de miséria e infelicidade; o tecido social da época seria ameaçado com isso, etc.

Ele também é arrogante o suficiente pra pensar que ele está fazendo um grande favor a ela. Todas as mulheres que ele já conheceu teriam dito “sim” para uma proposta vinda dele. Seria loucura para a Lizzy dizer “não”, não porque ele pensa que ela o acha atraente – eu não acho que essa seja a razão – mas porque é a oferta mais prática e que até alguém considerada socialmente superior a ela poderia esperar receber. Eu acho que ele presume, como tudo mundo iria naquela época, que esse seria um final de Cinderella para ela.

Então o Darcy vem com o que ele vê como sendo uma proposta imprudente. “Eu vou te fazer uma proposta que vai me fazer parecer duro, irresponsável e, até, possivelmente, juvenil, mas eu não quero que você acredite que eu sou essas coisas. Eu já pensei sobre todos os detalhes da situação. Eu sei que a minha família vai se zangar, que as pessoas farão ‘cara feia’ para nós e que as nossas posições sociais são diferentes. Então não pense que eu não lidei com esses problemas – não pense que eu sou um colegial descuidado. Ainda assim, tendo pensado em tudo isso, eu percebo que o meu amor por você toma conta de mim de uma maneira que faz essas objeções parecerem insignificantes”. E desse ponto de vista, é uma proposta muito romântica. Eu fiquei um pouco magoado quando nós filmamos e todos pensaram que eu estava dizendo algo terrível: eu fui longe o suficiente para chegar a acreditar que ele tinha, de fato, dito algo charmoso. É claro que quando você assiste ao filme, você não vê do ponto de vista dele. Você vê um homem que entra se achando importante e expressando sentimentos pomposos como se eles fossem a coisa mais natural do mundo e depois tem a capacidade de ficar chocado pela rejeição da Elizabeth – e eu acho que isso está certo. Mas eu não conseguiria ter interpretado aquele choque sem ter abordado a cena do jeito que fiz.

Ele não a vê novamente até que eles se encontram em Pemberley. O que está tentando fazer nesse ponto?

Jane Austen é um pouco vaga na descrição do Darcy durante esse período, e eu me vejo buscando pistas sobre como ele deve parecer para os outros. Há contradições. As pessoas freqüentemente perguntam se o Darcy muda no decorrer da história ou se nós finalmente descobrimos como ele realmente é. Acho que é uma mistura dos dois. A governanta fala dele de uma maneira afetuosa e revela que ele sempre cuidou da irmã dele e da propriedade de uma maneira muito cordial. Ele não se transformou de repente em um homem bom; eu acho que ele sempre foi um homem bom por baixo daquele exterior de dureza.

Eu percebi que quando ele encontra a Elizabeth em Pemberley, ele precisa provar muitas coisas para ela em um curto espaço de tempo. Ele precisa provar para ela, em cerca de três minutos, que ele está arrependido e que é carinhoso amável e não é esnobe. Ele precisa mostrar para ela que ele tentou mudar aqueles aspectos que alienaram ela antes. Ele quer que ela o ame: mas como fazer alguém amar você em apenas alguns minutos? E como você faz isso e ao mesmo tempo é fiel ao personagem do Darcy?

Então a rejeição da Lizzy provoca mudanças reais no Darcy?

Ah, sim! Você não pode pensar que o Darcy vai simplesmente retornar à maneira que ele era. O fato que ele escreve uma carta para ela, se explicando e revelando algumas informações pessoais – o que é uma coisa tremendamente contra a personalidade dele – sugere isso. Eu acho que ele sofre enormemente como resultado da rejeição dela porque ele a ama. Eu acho que ele é atormentado pelo fato de que uma vida de certo comportamento e até a personalidade dele é posta em cheque pelas palavras dela.

O crime real dele, eu acho, é idiotice. Eu sei que essa é uma forma nada digna de olhar para ele, mas eu acho que a falha dele é pretensão social idiota e superficial, e essa é a lição amarga que ele tem que aprender. E eu acho que nesse sentido ele realmente muda. Ele fala no livro que o pai dele o ensinou bons valores e também a pensar mal do mundo fora de sua esfera social. Ele tem um pouco de medo de tudo que vai além da experiência imediata que ele possui e está convencido que a única coisa que ele vai encontrar é um comportamento bárbaro. As pessoas assumem coisas sobre outras áreas da civilização, e é isso exatamente o que o Darcy faz. É ignorância.

Ele aprende a lição quando ele se apaixona por um desses bárbaros e percebe que ela é seu igual em esperteza, agilidade intelectual e senso de dignidade pessoal. Ele é tão profundamente desafiado por ela que os preconceitos antigos não conseguem ser mantidos. Eu ainda acho que ele sempre terá um pouco desse antigo pensamento – ele sempre vai se sentir enojado por pessoas chatas e ridículas que falam demais. Eu acho que ele nunca vai adorar a Mrs. Bennet ou desenvolver uma grande admiração pelo Sir William Lucas.

E, é claro, ele ainda não aprendeu a rir de si mesmo. Ele aprendeu a se criticar, o que é provavelmente o primeiro passo, mas ele ainda não sabe como se achar ridículo e se divertir com isso. Com a Lizzy como parceira, no entanto, a vida de casado vai ser uma questão de sobrevivência, e é óbvio que ele vai aprender essa lição logo.